

## O horário de trabalho

É assombroso o que se está passando com a execução do decreto sobre o horário de trabalho. Por essa provincia fora, o decreto não se cumpre, provocando a atitude dos patrões conflitos constantes com os operários.

As autoridades administrativas, às quais incumbe, segundo esse decreto, o fazer-lo cumprir, solidarizam-se com o patronato contra os operários!

O governo, que tão zeloso se mostrou a favor das forças-vivas, aceitando-lhes a sugestão das deportações, está no entanto queto e mudo a todas as reclamações e protestos, que vêm sendo feitos contra as forças-vivas que resolveram pura e simplesmente não fazer nenhum caso da legislação da República que não seja feita no seu próprio interesse.

O horário de trabalho, sem se ter ainda estabelecido o *habeas corpus*, é, afinal, uma ficção. A verdade é que, quando os patrões desrespeitam o horário de trabalho, há o recurso para as autoridades. Mas quando essas autoridades não fazem caso nenhum das reclamações?

Se não há *habeas corpus*, quem poderá fazer a devida justiça?

Aí tem o governo um assunto em que podia mostrar que o não move nenhuma má vontade, nem indisposição contra a classe operária, dando razão a esta, que não faz senão reclamar o que, aliás, lhe foi já na lei concedido.

Talvez o governo não saiba que, por exemplo, em Mourão, a propósito do horário de trabalho, se diz: «Em Mourão, fazem a lei os que cá estão». Pois pelo resto da provincia é assim também: os que lá estão é que fazem a lei, e fazem-na ao sabor das suas conveniências.

O governo, que tanta energia mostrou contra os operários que mandou prender, que pensa fazer agora em face desta atitude de insubordinação das próprias autoridades administrativas que não fazem cumprir o decreto? Limita-se a oficial-lhe para que cumpra a lei?

Nas vésperas de eleições, nós sabemos o que isso é. Pela mesma razão, que até se deixa jogar a batota, para não ofender o influente eleitoral, vai-se deixar explorar e sacrificar a classe operária. O mais interessante é que essa gente, assim protegida, come a isca que o governo dá, e afasta-se do anzol, indo votar nos monárquicos...

## A opinião conservadora

### e os assassinatos praticados pela polícia

A muitas pessoas conservadoras, amigas da actual ordem social, que estão indolentemente ligadas pelos interesses, e vulgarmente ouvir-se afirmar a sua repulsa pelos crimes, e por todos os actos humanos que estão fora da lei. Comece-se um atentado e logo esses conservadores aparecem cheios de maior indignação a pedir um castigo inexorável e rápido para todos os culpados e mesmo para as pessoas que com elles de perto vivem, ainda que estejam inocentes.

Os jornais de grande circulação, essencialmente conservadores, porque estão enfeudados às grandes empresas capitalistas, fazem-se eco dessa indignação que transparece nos largos e comovedores relatos em que o autor do atentado é acobardado de todos os delitos, possui todas as taras mais das piores, e a vítima é sempre muito simpática, possui todas as qualidades, inclusive as melhores e é, pelo menos — um santo.

Esses mesmos jornais costumam falar prolixamente das ideias mais avançadas e afirmam sentenciosamente que as mais rasgadas esperanças podem existir e as mais largas reivindicações devem fazer-se — mas dentro da lei. A lei, o respeito pela lei, a obediência às normas jurídicas porque se rege a sociedade, são os chavões, os eternos chavões que com grande ênfase se citam. O atentado seja a tiro, seja a bomba é inútil, é pernicioso, é desumano, merece a reprobção de todas as consciências bem formadas.

Muito bem. Agora, que a policia espanca presos, agora, que a policia assassina presos, onde estão esses inimigos dos crimes, esses defensores impenitentes da lei, de todas as normas jurídicas porque se regem as sociedades? Onde se meteram que os não vemos? Onde está a sua voz que se não ouve? Onde está a sua indignação que se não patenteia?

Estão onde estavam — mas silenciosos. Estão onde estavam — mas aplaudindo baixinho e particularmente o que não osusam aprovar alto e publicamente. O crime ao vestir a farda de policia, tornou-se lei e lei superior a todas as leis, lei que revoga todas as leis! A pena de morte há longa tempo ainda longe da monarchia cair, foi abolida. Em plena república, uma vibrante campanha feita contra um homem que, num mo-

## DUAS ENTREVISTAS

### Em defesa dos direitos humanos

#### O dr. sr. Pestana Júnior, ex-ministro das Finanças, proclama a ilegalidade das deportações, condena a brutalidade das agressões policiaes e verbera o assassinato dos presos

O dr. sr. Pestana Júnior é um dos homens públicos de mais notoriedade na vida politica portuguesa. Jurista distinto, sub-leader da fracção esquerdista, alia a esta qualidade a de director das Cadeias Civis. O desassombro das suas opiniões no ultimo congresso partidário, criou-lhe um certo prestigio politico, que o conservatismo português vê com manifesta antipatia.

Ouvi-lo sobre as deportações sem julgamento era, não só um dever nosso, mas uma alta conveniência social.

Manhã cedo, quando a Lisboa trágica se agitava numa vida de trabalho, o *reporter* galgou a velha Sé e, discretamente, fazia-se anunciar ao director das cadeias.

Momento de espera, e fomos introduzidos no confortável gabinete de trabalho do ex-ministro da Justiça do gabinete José Domingues dos Santos.

Cumprimento do estilo e um sorriso aquiescente diz-nos que o dr. Pestana Júnior dispunha-se a receber-nos.

Os nossos desejos revelados e a entrevista principia:

— O meu pensamento — disse — é, como não podia deixar de ser, absolutamente contrário a deportações. Sou contra o arbitrio e pela liberdade.

As deportações sem julgamento, como as que vêm de realizar-se, são, não só anti-jurídicas, mas anti-democráticas. Nada as justifica, por mais interpretações que lhes dê.

— Todavia o governo...

— Bem sei o que se alega. É legítimo.

— Eu sou dos que reconhecem que a sociedade não pode estar à mercê desses criminosos vulgares. Autores de assaltos a clubes, a cobradores, autores de atentados dinamitistas e a tiro, devem ser punidos severamente como manda a própria segurança do cidadão.

— E como entende que deve ser exercida essa defesa?

— Possuímos leis que a garantem. E, note, a celebridade de que gozou a «Legião Vermelha» nunca existira se os jurados não manifestassem tanta cobardia e os serviços judiciários não enfermassem de tantas deficiências. A isto se deve o estado de espírito a que fomos conduzidos.

— Mas entre os deportados há inocentes expiando delitos alheios!

— Perfeitamente. Não quero mesmo confundir ideais generosos com cenas de banditismo. A organização operária, pela bôca dos seus prestimosos militantes, tem muito dignamente varrido a testada. Não podemos baralhar no mesmo monturo o homem que luta por uma ideia e o bandido que rouba ou assassina por prazer.

— Para estes aceita a deportação?

— Nem para estes a minha qualidade de jurista podia aceitar semelhante precedente. «Mesmo que fossem parricidas, criminosos que minha sensibilidade mais repugna, eu nunca aceitaria uma deportação sem julgamento».

O tinar da companhia do telefone cortou a exposição do nosso interlocutor. E enquanto o nosso entrevistado falava com entusiasmo, sobre a sua mesa de trabalho alguns livros de direito e várias publicações dormiam solenemente. Alguns minutos depois o dr. Pestana Júnior voltava e a entrevista era restada.

### As deportações são absolutamente ilegais

— E' então arbitrária a medida do governo?

— Absolutamente ilegal. O governo se quizesse recorrer a medidas profiláticas contra os inimigos da sociedade, como já disse, medidas legais. Se quizesse fazer julgar os presos fora da comarca onde se passou o suposto delito, podia aproveitar-se da faculdade que lhe confere a Novíssima Reforma Judiciária, como é notório e foi aplicado ao preso Manuel Ramos, julgada há meses em Coimbra.

— E não é excepcional essa medida?

— Não. Bastava que o Supremo Tribunal de Justiça o determinasse como o fez para o preso a que me referi. Uma vez assim, os presos seriam julgados em qualquer comarca da provincia.

«Aventemos a hipótese de que o governo tinha conveniência em julgar os delictos fora do continente. Podia realizar os julgamentos nos Açores e ali o tribunal decidia do destino dos presos. Se interdisse a residência de alguns dos julgados no continente e a fixasse na Guiné, ninguém podia considerar o *verdictum* como uma arbitrariedade. Era legal, e por isso devia ser respeitado».

— Mas não daria motivo a inconvenientes?

— Não, senhor! Pelo contrário. O arguido ainda seria beneficiado, como lhe vou explicar.

Uma pequena pausa interrompe a entrevista. O dr. sr. Pestana faz um cigarro que vagarosamente acende, e cautelosamente,

mento de morbida excitação, com o desejo doentio de ser discutido, pretendeu propor o seu restabelecimento, provou que o país nutre a maior das repulsas por essa pena bárbara.

E a população quando manifestou repulsa pela pena de morte e a monarchia quando a aboliu, sabiam que ela só seria aplicada, após um prévio julgamento e facultando a que dela estivesse ameaçado todos os meios jurídicos de defesa.

E, afinal a pena de morte foi restabelecida, e em condições ultra-bárbaras. E aplicada sem julgamento: o acusado não chega a aparecer no tribunal, não possui a faculdade de defender-se. Sumariamente a policia substitui-se à lei, e fusila quem lhe apraz. Tem sido assim bastantes vezes. Foi assim nos Olivais. E não se protestou, achou-se normal, achou-se lógico, achou-se humano que a policia se sobrepuzesse à lei

medindo todas as palavras, não vão elas prestar-se a uma indiscreção do *reporter*, prossegue:

— Aceite por momentos que um preso cometeu delito que criou na opinião pública um estado de espírito desfavorável. O ambiente que o cerca pode muito bem amanhá-lo por motivo duma condenação. Fora desse ambiente já o fenómeno não existe e as consequências são bem diferentes.

### Os espancamentos e a morte de Domingos Pereira

A conversa deslizou agora para o terreno dos espancamentos a presos. Arriscámos a seguinte interrogação:

— O que diz V. Ex.ª aos espancamentos dos presos?

— Os espancamentos de presos são de tal forma bárbaros e repugnantes que a minha sensibilidade de jurista e de homem da minha época me custa a aceitar como verdadeiros. Só os concebi no miguismo e posteriormente no sidonismo como consequência daquele regime ditatorial.

— Mas há provas doutor...

— Não devo contestar, nem pretendo afirmar que elas existam! Há dias estava eu na redacção do *Mundo* quando duas mulheres ali apareceram com uma camisa ensanguentada que me horrorizou. Ter que acreditar que aquele sangue era proveniente dos espancamentos causa-me calafrios, e a ser autêntico não sei como devo classificar os seus autores que, em meu entender, devem ser rigorosamente punidos.

— Não ignora que houve mais de que espancamentos. Duas mortes já se registaram...

— Bem sei. Também não posso asseverar que houvesse propósito da policia em provocar. Simplesmente o que não concebo é que tendo a policia morto um dos presos por tentar fugir, segundo garantiu, viesse daí a dias usar o mesmo processo de transporte para um outro que ela considerava perigoso. Em boa lógica Domingos Pereira devia ter sido remetido de automovel do Governo Civil para a esquadra de Santa Marta e podia ser acompanhado por quatro policiaes.

— Se tal se tivesse feito não haveria mais uma vítima a lamentar e a policia não poderia ser lançada a suspeita de que o matou friamente e premeditadamente.

Como se pulveriza uma especulação

A entrevista devia concluir aqui. O dr. Pestana Júnior tinha feito já o seu depoimento que juntamente com alguns outros de igual modo importantes esmaltam as nossas columnas e são a mais formal reprobção das medidas do governo Vitorino Guimarães.

Porém O *Século* de ontem, a propósito da prisão de Jaurés Américo Viegas, insinuava que o director das cadeias tinha contribuído com 100000 para a «Legião Vermelha». Não perdemos o ensejo de ouvir o acusado. E a pergunta inevitável irrompeu:

— V. ex.ª pode dizer-nos o que há de verdade no caso de que O *Século* se faz eco?

— Sim, do melhor grado. Conheço Jaurés por ele ter cumprido na cadeia 20 meses de prisão por um delito que foi julgado e absolvido. Tenho por ele uma certa comiserção, sentimento que me merecem todos os doentes como aquele rapaz.

— Doente?

— Doente, posso afiançar-lhe!

— Filho de pais alcoólicos, influem nele com tal poder algumas taras que lhe provocam acidentes como tive ocasião de observar. Mas, a-pesar-disso não vá inferir que é devido a este sentimento que eu contribui na lista, que O *Século* se refere. Há mais e mais que não vejo Jaurés, não tendo contribuído nessa lista em que o órgão das «forças vivas» diz ter sido encontrado o meu nome.

Há pouco, quando me chamaram ao telefone, ora o meu colega Ramada Curto que me perguntava se eu li a noticia. Respondi-lhe afirmativamente e obti como resposta que aquele advogado também não deu um centavo para a lista.

— Como se compreende a atoarda?

— Como se compreendem outras coisas. O *Século* está bem informado pela policia, mas desta vez ambos se enganaram.

— Mas não quero deixar de salientar o seguinte: Não contribui como disse, mas se tivesse subscrito alguma verba subscricao que um homem em pleno gozo da liberdade me apresentasse não tinha que dar satisfação dos meus actos a quem quer que fosse.

Um aperto de mão punha fim à entrevista. Dirigi-me para a redacção a trazer estas linhas quando os gradões do velho pardieiro que serviu aos galeiteiros do

e executasse sumariamente, bárbaramente, um preso.

Diamantino da Anunciação foi assassinado cobardemente a tiro. Domingos Pereira foi também — cobardemente assassinado a tiro. A-pesar das apreensões que sofremos, a-pesar do silêncio da maioria dos jornais, a verdade brotou invencível, impôs-se. Hoje já ninguém — a não ser pela mais confessa má fé — ignora ou ousa ignorar que Domingos Pereira e Diamantino da Anunciação foram assassinados premeditadamente.

E a indignação dos amantes da lei? Essa não existe desde que os crimes passaram a ser praticados pela Legião Preta — por aqueles indivíduos que são pagos pelo Estado para fazer respeitar a lei.

São muito respeitáveis — os conservadores e os jornais que estão enfeudados às forças vivas.

Conde de Andeiro se chocavam sonoramente dando entrada a mais um preso.

### O dr. Amâncio de Alpoim

junta o seu protesto desassombroso aos protestos das consciências bem formadas

Também hoje depois do nosso inquérito o brilhante advogado e membro do partido socialista, dr. sr. Amâncio de Alpoim.

A' nossa pergunta, responde assim o inteligente advogado:

— Vou falar-lhe com a rude franqueza de que me orgulho de sempre empregar quando me dirijo aos trabalhadores. Eles, de resto, já sabem que eu sou assim e não me levarão a mal.

— Como encara as deportações dos operários, sem julgamento prévio, ordenadas pelo governo?

— O caso, no seu aspecto jurídico, não tem discussão possível; atinge as raízes da pouca vergonha jurídica, mas eu bem sei que se perder tempo neste país e nas horas que vão passando, invocar a constituição ou a novíssima reforma judiciária.

— Falemos portanto no aspecto moral e politico do caso.

— Vivemos no país abrandurem; toda a gente é amnistiada, toda a gente é absolvida menos os operários. Aos pobres «Juro com ellos», como se diz em Espanha quando se fala de cavalos. E, por tal forma se modificou no sentido da injustiça e da maldade a sensibilidade das novas «élites» que oigo, com frequência, defender o critério de que a policia é competente para impor e aplicar a pena de morte aos revolucionários sociais.

Após uma curta pausa:

— O meu amigo — recomendo o nosso entrevistado — talvez não calcule como as pessoas bem vestidas e bem jantadas desta abençoada terra rejubilam quando lhes chega a noticia de que foi fusilado um trabalhador... fugitivo...

— Esta orientação cruel das classes dominantes e do governo exalta (desculpe que lho diga por que sei que não concorda) a mercê da posição politica ou antes da falta de posição politica dos trabalhadores portugueses.

— O bom burguês da nossa terra, ao ouvir os trabalhadores falando na revolução social imediata e alcançada pela violência extrema, apavoram-se e aplaudem todas as brutalidades que lhe pareçam úteis a sua defesa. Os politicos, sabendo que pela sua abstenção os operários lhe não prejudicariam a carreira eleitoral, batem-lhes em nome da ordem e despresam-nos porque, assim como não esperam votos favoráveis, deles sabem também, com certeza, que os não terão desfavoráveis.

Uma pausa e o nosso entrevistado continua:

— Quanto isto assim continuar seguirá a dancada dos protestos — protestos nos ministérios, nas repartições da policia, na imprensa e a especulação em torno do caso dos politicos com mal de fraqueza que queiram armar à galera e à simpatia dos trabalhadores esmagados. A *Batalha* deve encerrar o caso como ele é. Diz o sr. presidente do ministério que se não trata de deportações mas sim, apenas, de fixações de residência.

O dr. sr. Amâncio de Alpoim, ao pronunciar estas ultimas palavras, contraiu levemente o rosto num sorriso de troça.

— Este sofisma infantil mascara uma tragica verdade — diz o nosso entrevistado, com veemência. E, retomando a sua habitual serenidade, continua:

— Efectivamente não se trata de deportações, são verdadeiras condenações à morte nos empestados presidios da Guiné. Poucos daqueles homens voltarão e os que voltarem virão minados do paludismo e da febre amarela.

E uma nuvem de tristeza paira no rosto do dr. Amâncio de Alpoim. Talvez — prossegue — tenha perdido até a clareza de espírito necessária para dizer aos seus irmãos trabalhadores que é preciso reforçar no sentido de prática utilidade a acção do sindicalismo português, para que não seja possível a repetição do crime de que eles foram vítimas...

Sobre a apreensão dos jornais diz-nos o dr. Amâncio Alpoim:

— Vivendo num periodo característico pelo domínio da força: o direito, a lei e a constituição, como já lhe disse, nada valem. Quem tem força fala ou grita, quem não a tem cala ou chia. Por enquanto são os democráticos a suspender os jornais dos outros. A manha serão os outros a suspender os jornais democráticos. Fica assim certo, e só sairemos daqui quando nos convençermos de que a policia se faz defensora dos principios e obtendo a sua realização pelo combate politico e nunca ao sóco e pontapé, bomba, tiro ou cacete.

Novamente observamos ao nosso entrevistado que eram os inimigos irreconciliáveis da intervenção politica.

— Protestar fica bem como desafio da alma. Não dá resultado nenhum o protesto quando é feito por um jornal da esquerda social, como a *Batalha*. Esse protesto apenas dá alegria aos inconscientes que perseguem, por que demonstra que a brutalidade magoou.

A questão chinesa

XANGAI, 19. — As negociações entre a missão diplomática de Pequim e as autoridades chinesas, para o apuramento das responsabilidades dos tumultos contra os estrangeiros, romperam-se sem que haja possibilidade de serem reatadas.

## NO PARLAMENTO

### Os espancamentos e as deportações

#### O dr. sr. José Domingues dos Santos insurge-se contra o procedimento ilegal do governo e contra as iniqüidades da policia

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados o deputado Tavares de Carvalho atacou o ministro da Agricultura por o ter nomeado para uma comissão pró-barateamento da vida, não tendo depois feito caso das soluções apresentadas, e o ministro das finanças porque não resolveu a entrega das 400.000 libras emprestadas aos bancos pelo ex-ministro Rego Chaves.

A sessão foi suspensa às 16,30 horas, por não estar presente o presidente do ministério, sendo reaberta às 17,15.

Usou da palavra José Domingues dos Santos, dizendo que, quando se quer votar qualquer imposto, é a União dos Interesses Económicos quem maior opposição lhe faz. No entanto é aos seus componentes que cumpre pagá-los.

A força armada mantém-se principalmente para os defender, são eles sobretudo quem têm de pagar os impostos, portanto.

Há quem entenda que o governo foi ápero para os revoltos de 18 de abril. Ele acha no entanto que o governo ficou aquém do que era de esperar, que não soube aproveitar a vitória.

Ao lado dos militares revoltosos havia civis armados com bombas.

Dias depois de vencida a revolta enviavam civis para as colónias, mas não eram esses eram os outros que queriam defender a república.

Apodam-nos de aliado da «Legião Vermelha», e, por esse motivo, não protestara ainda contra as deportações. Mas como diz sempre o que pensa vai referir-se a elas.

O deputado Cunha Leal disse, no parlamento, que ao serviço da Policia de Segurança do Estado estiveram elementos da «Legião Vermelha».

Esse facto dá-se ainda no presente momento. O facto de se pagar a um homem para obter informações não significa que se pactue com as organizações a que esse homem pertence.

Não conhece ninguém da «Legião Vermelha». Nunca com eles tratou. Quer dizer o que pensa das deportações.

Os «legionários» são criminosos de delito comum, e, para os castigar há no código um artigo sobre associação de malfeteiros.

Quando presidente do ministério mandou soltar quem estava preso há mais de oito dias sem culpa formada, porque a lei assim o manda, nem querendo saber quem eram.

O afastamento da lei é um abuso.

Os elementos da «Legião Vermelha» têm de responder perante os tribunais.

Sendo deportados, sofrem um castigo por tempo indefinido, pena que não existe nos códigos.

Ao governo cumpre pôr-se dentro da lei fazendo-os regressar. É mais digno processá-los e julgá-los.

Discorda das deportações feitas fora da lei.

Sabe de um deportado, que já foi julgado pelos seus delitos, tendo cumprido a pena, seguindo agora para o desterro porque a policia assim o entendeu.

Outro que cometeu um delito foi preso, julgado e absolvido. A policia não concordou com a absolvição e fê-lo deportar.

Então a policia sobrepuja-se aos tribunais?

Não pode deixar de protestar contra este facto.

Sabe como são formados os cadastros policiaes, que dependem da boa ou má vontade da policia. E' ela que inventa os agitadores com cadastro.

### Nem só do pão vive o homem

#### RENOVAÇÃO combaterá o privilégio da arte e da cultura pugnando pelo direito do povo ao prazer da vida e do espírito

No seu apostolado de divulgação de novos horizontes sociais, pretende a Secção Editorial de *A Batalha* com a revista *Renovação*, que vai editar, prosseguir na sua obra de educação popular e emancipadora.

*Renovação*, com efeito, pretende completar a propaganda por *A Batalha* e do seu *Suplemento*, por meio da emoção e da efêrese artística, sabido que grande é a eficácia da propaganda pois este sistema sobre muita gente, sobretudo nas mulheres que gostam das ideias as mais atrevidas e rebeldes desde que lhes oferecem envoltas em bons sentimentos e diluções através de episódios românticos e de beleza literária e artística. Há espíritos superficiais, refractários a doutrinas e filosofias para quem os artigos de documentação e demonstração são tidos como uma maçadaria. Há também pessoas de cérebros obtusos, fechados a todo o raciocínio em que os ideais só lhe poderão penetrar pela porta do sentimento. Para estes, o aspecto gráfico, a fotografia, a caricatura são indispensáveis para compreender o que da leitura não apreendem ou difficilmente assimilam.

Esta é a acção magnífica destinada a realizar pela revista *Renovação*. Ela fará destacar, com o seu feito magistral, leve, curioso e interessante e ainda pelo seu aspecto gráfico e pelas suas ilustrações, o sentido artistico e emotivo que se desprende das nossas concepções libertárias, altamente humanas.

*Renovação* será o testemunho de que ao operariado não é indiferente as manifestações artisticas, as concepções de beleza. *Renovação* estará gritando alto e permanentemente *mentis!* aqueles que afirmam que os trabalhadores só se preocupam com

Não há ninguém no parlamento que não seja agitador; todos agitam ideias, e estão sujeitos a ser presos injustificadamente.

Por esse motivo ninguém pode concordar com as deportações sem julgamento. Protesta contra os espancamentos nas prisões, que representam um atentado aos principios de democracia. Os espancamentos representam uma monstruosa desumanidade.

Quando a policia agride um preso, sem respeito pela dignidade humana, não é a dor física que mais o atormenta, é a dor moral de se sentir transformado num farrapo.

Tem a certeza de se terem agredido presos.

Ainda há dias, lhe mostraram a camisa dum preso, ensanguentada, com sinais dos vergões de cavalo marinho.

É necessário proceder com rigor contra quem comete esse crime.

Enquanto isso se não fizer constituir-se há acusador publico desses individuos.

Os crimes da «Legião Vermelha» não justificam os processos usados pela policia. Um crime não justifica outro.

É necessário proceder com energia. «Hoje são os legionários agredidos, amanhã podemos ser nós».

Refere-se à morte de Domingos Pereira, que a policia disse que pretendia fugir. Não cre que um individuo cego pensasse em tal.

Tem de se averiguar a verdade sobre esse caso.

O sr. Almeida Ribeiro informou que o corpo de Domingos Pereira esteve, oito dias, na casa mortuária do hospital. A autópsia, estando o corpo já em péssimo estado, nada podia esclarecer.

O orador continuando exige que se apurem responsabilidades. Não se pode ficar de braços cruzados quando a policia mata ou manda matar.

A policia cumpre zelar pela segurança dos presos.

É necessário que quem entre preso, no governo civil, tenha a certeza de não ter a sua vida ameaçada.

Se factos tão monstruosos se passassem durante o seu governo, não teria um momento de sono enquanto se não apurassem responsabilidades.

Não devem existir semelhantes processos numa democracia.

O sr. Agatão Lança faz depois um longo discurso tendente a dar um aspecto de justiça às deportações e de ataque ao transaccão governo de José Domingues dos Santos.

Amadue de Vasconcelos combate a atitude de Agatão Lança. Protesta contra os espancamentos. Não é com esses processos que se purifica a sociedade — diz. Protesta contra as deportações de legionários antes de se ter averiguado da sua culpabilidade.

Qualquer individuo pelo facto de ser criminoso, nem por isso deixa de ser homem, e de estar ao abrigo das garantias constitucionais.

Carlos de Vasconcelos protesta contra uma acusação feita por Agatão Lança de se terem fornecido bilhetes para as galerias a «legionários», no dia em que foi derubado o governo José Domingues dos Santos. Diz que houve alguém nesse dia que também forneceu bilhetes aos batoteiros.

Pedro Pita, Carvalho da Silva e Lino Neto usam da palavra para dizer que não foram parlamentares dos seus partidos que distribuíram esses bilhetes.

a materialidade da vida, só se interessam pelas reivindicações económicas. *Renovação* exprimirá o desejo do povo de embelezar a vida, a sua ânsia de uma vida superior, humana, exuberante, que não poderá nunca limitar-se às exigências de mais pão. Sim, pão para todas as bocas como o primeiro direito e a primeira necessidade do animal; mas também mais beleza, mais amor, mais largos horizontes para o nosso espírito — porque somos homens. Abaixo o privilégio da Arte, do gozo espiritual para uma casta! — bradará o povo trabalhador através das páginas quinzenais da *Renovação*.

## Notas & Comentários



PÁGINAS ALHEIAS

A profissão em função da actividade social

Escolher uma carreira!  
Eis um problema bem difícil, em minha opinião, de resolver na sociedade presente, e que exige por isso a máxima ponderação, além de uma consciência apurada, de uma noção de responsabilidade social e mais aperfeiçoada possível; tudo isto independentemente da cultura teórica e prática que se tenha adquirido para exercer qualquer profissão, cujo desempenho ainda impõe ao indivíduo, que queira servi-la, aptidões especiais, inclinação intelectual e condições físicas, de constituição adequadas.

Porque, escolher uma carreira, que irá requerer de nós, não só um acréscimo de actividade sobre a que a nossa vida, até então desprocurada, já exercitava, mas ainda uma natural predisposição para ela, — não é coisa para ser encarada de leve.

Quanto a mim, pondo de lado as causas derivadas da organização social, — que, sem dúvida, são importantes, — estou convencido de que, em virtude da falta de ponderação nesse acto, três quartas partes, talvez, da população, se não de todo o país, pelo menos, das cidades, estão deslocadas nas suas profissões. A razão, a meu ver, é que, em geral, se atende apenas ao fim utilitário imediato, com o mínimo esforço possível, sem se procurar saber se, com essa utilidade pessoal e imediata, se irá prejudicar o agregado social, mercê de não se haver preocupado o candidato à carreira (ou por ventura, por ele, o seu mentor), com a possível circunstância de a sua própria psicologia, o seu temperamento, a sua sentimentalidade e intelectualidade não serem adaptadas ao mister ou profissão que tem em vista.

Resultado desta incuria: a profissão é mal desempenhada; o profissional não lhe tem amor; não sente a sua profissão, não a cultiva, não se educa convenientemente; não se aperfeiçoa.

E, assim, é profissional, que, no fim de contas, apenas o é de nome, que poderia ser, ou vir a ser, um valor social, se fosse bem orientado sobre qual deve ser a função do ser humano na sociedade, tornou-se num valor negativo, por deixar de prestar, à mesma sociedade, o serviço que também lhe cumpria, com o cabal exercício da sua profissão, e evita que outrem ocupe o seu lugar, com real proveito para a gregi; isto é: causa mal aos seus companheiros, aos seus semelhantes, e, cumulativamente, ao conjunto social.

E, como tudo na natureza se relaciona e se não pode afectar uma parte do todo sem que este se sinta também atingido, sucede que este indivíduo, — e se não ele, os seus pares, aqueles que lhe seguiram as pegadas os seus processos desconexos e totalmente egoísticos, através dos tempos, de geração em geração, — vêm, mais tarde ou mais cedo a sofrer, por choque reflexo, as consequências das males de que enferma a sociedade, por esta ser imperitavelmente, contraproducentemente, servida pelos seus membros.

E preciso não esquecer que, se o indivíduo pode actuar no meio, este reage sobre aquele.

Se eu, por exemplo, sou um mau forjador, um mau serralheiro, — e quem diz isto diz qualquer outro mister, — se, comigo, os meus pares no ofício forem semelhante, — inferiores artifices, e estas condições se prolongarem na sucessão dos tempos, chegará um momento em que os carpinteiros, os serralheiros, os ferreiros, etc., sendo mal apetrechados por aqueles que lhes fornecem ferramentas imperfeitas — verdadeira sucata, — não poderão dar em troca senão artefactos toscos, mal aparelhados e mal construídos, com real grama das comodidades que os serralheiros, etc., procuravam com a aquisição desses artefactos, que, afinal, foram obtidos com grande dispêndio de energias.

Quere dizer: a sociedade foi prejudicada em grande número dos seus membros, e não pode dar-lhes a felicidade a que aspiravam.

Os resultados seriam os mesmos, se as profissões fossem das chamadas liberais, e, nuns ou noutros, o mesmo aconteceria, fosse qual fosse o número delas.

O conjunto das forças económicas de qualquer agregado social deve, fatalmente, sofrer, desde que uma ou mais delas sejam imperfeitas; e esse estado mórbido reflectir-se-á na moral e na estética desse agregado.

Ora, julgo eu — e nisto exponho um critério muito pessoal, que pode estar errado, — julgo eu que, na escolha de uma carreira, independentemente de se visar o proveito pecuniário pessoal e imediato que a profissão possa oferecer, se impõe o ponderarmos o problema sob dois aspectos:

1.ª a utilidade social e individual da carreira ou profissão.

2.ª as possibilidades fisiológicas, psicológicas e técnicas do candidato.

Pomos de parte o segundo aspecto, para só cuidarmos do primeiro.

E, sob tal prisma, assaltam-nos, imediatamente, várias dúvidas:

Qual ou quais são as carreiras úteis no que o doutor o tinha visto na galeria reservada, o que parece não ser do seu agrado. E' claro que, como o ser visto pelo doutor não constitui delicto, a policia numa hora de lucidez que nos encheu de espanto, mandou-os em liberdade.

Uma coisa, porém, nos intriga, como intrigou os nossos camaradas: quem raio seria o doutor? Como nem eles, nem nós, talvez por nos faltar a perspicacia do chefe Xavier, sejamos capazes de saber quem seja o doutor, ficamos pela certa arriscados a passar diante dele, sem abotoar preventivamente o casaco.

Aclarando

Referimos aqui, há dias, que o aspecto gráfico do Rebate era excecível. Essa referência não atingia o seu quadro gráfico, pois este não pode, apesar da sua competência técnica, suprir as deficiências dum material antiquado e inestético.

Os artistas líricos

Uma comissão de artistas líricos portugueses procurou-nos para pedir o apoio de A Batalha a uma reclamação justa que vão formular. Pretende a referida comissão que o teatro de São Carlos, que tem andado de mão em mão, entregue a empresas que nem sempre o estimam, nem compreendem a sua função, seja entregue aos artistas líricos portugueses, como o Teatro Nacional o foi aos artistas de declamação. Parece que há nas instâncias oficiais quem oponha resistência a tão legítima pretensão.

A Batalha, que sempre patrocinou as causas justas, não negará aos artistas que nos procuraram o seu desinteressado apoio, certo de que contribuirá para o progresso dum arte que muito abandonada anda da protecção que merece.

A guerra gerando monstros

Um grande médico que a guerra transforma num facinoroso

A imprensa francesa este neste momento ocupando-se dum caso interessante, girando à volta dum crime sensacional.

Na secção das primeiras informações enviadas pela policia, o drama limita-se a este simples facto: Em casa dum médico de Marselha foi encontrado, num armário, oculto de um cobrador bancário, ali oculto, há perto de três meses.

Interrogado pelas autoridades, o médico declarou que o morto era um antigo camarada que depois de receber um tratamento lhe confiara dificuldades de dinheiro.

Procurou reconfortá-lo. A tarde o amigo voltava, manifestando um desespero enorme. Procurou acalmá-lo com uma injeção; passou a um outro gabinete, a fazer não se recorda o quê, e quando voltava, encontrou o amigo morto. Suicidara-se.

Para evitar complicações que a revelação do caso traria à sua vida, escondeu o cadáver num armário. Os dias passaram e faltou-lhe a coragem para o retirar do seu esconderijo e dar explicações à policia.

Claro que a policia não se contentou com esta declaração, e entrou a investigar, a procurar obter informes, sobre a vida do médico. Rapidamente se soube que o médico levava uma vida que a obrigava a uma série de expedientes para arranjar dinheiro. Entregava-se ao jogo, amantes caras, «Cabarets».

Parece estar provado que o médico assassinou o cobrador bancário para o roubar. Em muitos dos seus expedientes ficou demonstrado o abuso da profissão, para perpetrar uma série de roubos.

Ora este caso, parecendo um caso banal dos dramas policiaes, reveste-se de aspectos curiosos, desde que entremos em pormenorizada análise à personalidade deste médico assassino.

Em 1915, ele foi mobilizado, no serviço de saúde, e enviado para Salónica. Aqui revelou qualidades excepcionais de trabalho e competência. Um médico que acaba de depôr como testemunha, neste processo sensacional, veio declarar, que o assassino ficou durante a guerra um notável clinico, citado constantemente na ordem do dia, e citada várias vezes, no exercício da sua altíssima missão. Dum desses ferimentos ficou cego, durante cinco meses, tendo de sofrer uma operação de trepano. A substância cerebral fora rudemente atingida e o seu duplo aspecto: proveito próprio do profissional e vantagens sociais para a gregi?

Qual ou quais melhor concorrerão para o progresso da sociedade, para o seu aperfeiçoamento?

Eis as perguntas que todos devem fazer à sua consciência: eu tenho esta aptidão: como hei de aproveitá-la em função da utilidade social, encarrando aqui utilidade num sentido largo e ideológico do Bem, da Justiça, do Amor social?

E, como as carreiras são diversas, ele deverá escolher, entre as que reputar de úteis, aquela que melhor, não só corresponda à sua fisiologia, ao seu temperamento, aptidões, mas também que satisfaça o seu ideal social.

Mas, para se atingir este escopo, é indispensável que se tenha já criado uma consciência social, que estejamos o mais possível libertos das influências perniciosas do meio em que vivemos, a fim de que não sejamos envenenados, em nosso critério, pelos preconceitos de toda a espécie, que caracterizam a organização social vigente, a qual nos faz tomar por ouro de lei o que é apenas ouropele; que nos inculca como um gesto heroico e de elevada moral o que é no fundo, uma imoralidade, ou um acto anti-social.

E assim tem havido e há carreiras ou profissões tidas e havidas como nobres, utilitárias e honrosas, que, através dos tempos, têm perdido o seu alcance social, mudando de lugar na escala dos valores colectivos.

Há carreiras, cuja existência implica sempre quebra da lei da solidariedade social. Há carreiras que contêm, em si próprias, o germen de actos anti-sociais, que ofendem a integridade individual, quer sob o aspecto biológico — contrárias à vida do semelhante — quer sob o aspecto estético — contrárias à beleza e aos belos e bons sentimentos, — quer, ainda, sob o aspecto intelectual — contrárias à livre expansão da ideia.

Nestes casos, como gravosas da felicidade social, estão as carreiras das armas, a eclesiástica, a da magistratura, a do comércio, etc., — carreiras estas que a opinião pública, no seu íntimo, já condena, mas que a hipocrisia dos costumes ainda mantém com um falso esplendor emprestado a uma tradição e a um passado apodados de brilhantes, de prestimosos e... de maior proveito.

Deslumbradas por estas aparências brilhantes, mas enganosas, a maior parte das pessoas cifram toda a beleza da vida humana, todo o orgulho da sua existência, a sua aspiração ao bem-estar material e social, nestas carreiras.

E assim como, por exemplo, no nosso país, os trabalhadores do campo são, desde tempos remotos, considerados gente infima sendo a agricultura uma das ocupações mais mal tratadas pelos que ainda conservam as taras que viveram aqui antigamente da rapina e das aventuras guerreiras, olhando com desdém os que mourejavam para os sustentar, — assim também o operariado industrial, que, com o seu esforço, aliado ao dos agricultores, mantém a vida social através de todos os desregramentos e calamidades, assim também, dizia eu, o operariado industrial é olhado como constituindo sub-gente desprezível.

Toda a profissão, em que o conjunto daqueles que nela se empregam consomem mais do que produzem em benefício da colectividade, deve ser considerada, pelo menos, suspeita e de duvidosa utilidade social.

Aquelas carreiras que representam uma verdadeira e indiscutível utilidade social é que devem merecer a escolha por parte de um cérebro bem equilibrado, e entre elas dará a preferência à que melhor coadunar com a sua mentalidade, os seus conhecimentos e as suas possibilidades fisiológicas, sem perder de vista as suas vantagens pessoais.

No que acaba de ler-se, está, parece-me, condensado tudo que respeita ao aspecto ético-social da escolha de uma profissão, — a criação de uma consciência social, que distinga e idealize profissões conforme a Beleza, a Justiça e a Solidariedade sociais.

Menor colhido pelo comboio

Recolheu ontem à sala de observações o menor de 5 anos, Delim dos Santos, que em Entre-Campos foi colhido pelo comboio, ficando muito ferido na cabeça.

caracter moral foi violentamente atingido também.

A guerra produziu imensas vítimas deste género. Em resultado de graves ferimentos no crânio, notava-se nas vítimas da monstruosa hecatombe, graves perturbações psíquicas, que modificaram completamente o carácter dos feridos.

E' o caso do dr. Bourgrat, o médico assassino de Marselha, médico de valor, durante a guerra, e agora acusado de uma enfiada de crimes.

Uma vez reformado, depois da sua mutilação na guerra o dr. Bourgrat mudou completamente as normas da sua conduta moral. Dir-se-há que a guerra, levou-lhe, completamente, a sensibilidade tornando-o incapaz do discernimento do bem. Transformou-o completamente. Em vez dum sábio, dum altruista, como até então, fazendo uma vida de laboratório, o dr. Bourgrat era visto nos mais infectos lugares de prazer, nos bairros mais suspeitos.

Entregou-se desenfreadamente ao jogo, e muitas vezes voltava a casa, altas horas da noite, com o vestuário feito em farrapos, horrivelmente sujo. Era, enfim, um outro indivíduo. A guerra matou um homem, um médico, um carácter, devolvendo à vida, um semi-vivo, um boneco, um degenerado, um monstro.

As suas declarações confirmam, plenamente, esta observação. Ele perdera a sensibilidade, manifestando uma inconsciência completa dos seus actos, uma falta de memória, um eclipse de inteligência, que é fácil verificar nestas palavras: «Quando voltei, encontrei-o morto. Suicidou-se. De que maneira não sei».

E' lógico um médico não o saber? Não está aqui a confissão da morte do médico a existência dum outro eu?

Mas há mais:

«Nem sequer sei o motivo porque escon-di o cadáver».

Loucura, epilepsia, automatismo, reveladores dos efeitos da perturbação cerebral resultante dos ferimentos em campanha.

Além da guerra, a guerra gerando monstros, a guerra gerando assassinos, o carácter, perturbando a personalidade, assassinando o cérebro, para lá colocar uma outra razão, a lucidez dum louco, dum criminoso, dum monstro...

PROPAGANDA NATURISTA

Dois interessantes conferências do dr. Nigro Basciano

O dr. Nigro Basciano vai realizar brevemente no teatro Nacional uma conferência sobre «A neuraestesia como doença universal».

As entradas serão pagas, revertendo o produto a favor da Albergaria de Lisboa. Assistirão à conferência o governador civil, vereadores municipais e outros elementos oficiais.

Tomará parte, o dr. Nigro Basciano, no Congresso de Educação Física, no dia 28, na Universidade Popular, realizando uma conferência em que versará o tema: «O alcool e os seus vários perigos».

A tentativa ao polo norte

frustrou-se por 150 quilómetros

BERLIM, 19. — A imprensa comenta com regozijo o regresso de Amundsen, anunciando o ontem à noite.

Os últimos telegramas dizem que o aeroplano sofreu uma pane a 87 graus e 44 minutos, tendo de aterrizar depois de ter percorrido mil quilómetros, e quando apenas 150 lhe faltava para atingir o polo.

Todos os membros da expedição regressaram à baía do Rei em perfeito estado de saúde.

ACREDITA:

A fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, e o excesso de fadiga, o entrançamento orgânico são têm um inimigo poderoso

A NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DO SARMATIA SARMATIA

Draca dos Restauradores, 15 LISBOA

A guerra de Marrocos

Uma intimação de Abd-el-Krim

TANGER, 19. — Abd-el-Krim fez anunciar que toda a costa rifenha foi fortificada tendo os comandantes das baterias recebido ordens de fazer fogo sobre qualquer navio que se aproxime.

O mesmo comunicado do chefe mouro aconselha os navios neutros a afastarem-se da costa para evitar incidentes.

CONFERÊNCIAS

A Dinamarca país modelo

O sr. dr. Ferreira de Almeida, encarregado dos negócios de Portugal na Dinamarca, realiza pelas 21,20 de segunda-feira na sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma conferência subordinada ao tema «A Dinamarca país modelo».

No dia da conferência será inaugurada na sala Portugal na mesma Sociedade uma interessante exposição de arte dinamarquesa, cuja entrada será livre.

O sr. dr. Ferreira de Almeida convidou os representantes da imprensa a visitarem aquela demonstração de arte hoje às 15 horas.

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

CAIRO, 19. — Uma nova e importante descoberta arqueológica acaba de realizar-se no Egito.

Próximo da pirâmide de Sakarra foi encontrado um túmulo a cem metros de profundidade, com o cumprimento de 25 metros, que segundo as declarações dos eminentes arqueólogos que o visitaram é o mais antigo de que se conhece a existência.

A tragédia de Rio Tinto

Depois de casa roubada, trancas à porta...

Depois do burro morto sopram-lhe ao rabo. Foi sempre assim.

Agora que as vítimas da explosão do Rio Tinto já estão sepultadas no cemitério; agora que o luto, e a fome para alguns, já entrou nos lares — é que se lembraram de fazer um inquérito aos destróços do sinistro.

E como se fala, para se lenitivar a desoladora impressão pública, no referido inquérito, surgem as desculpas de todos os lados — menos as dos mortos porque não falam, não vêm...

Quanto a nós, as vítimas previdentes deviam-se antecipar aos inquéritos como remédios inócuos aos desastres. E todavia, esse critério não se tem seguido como devia ser.

Existem circunscrições industriais, com técnicos abalisados, engenheiros reconhecidos. Essas circunscrições foram, parecem-nos, estabelecidas para fiscalizar as fábricas e oficinas no estado de segurança e no seu funcionamento de maquinismos perigosos.

Essa fiscalização devia ser periódica, assídua, apertada e imparcial, livre de toda a influência amistosa ou venal.

Por desleixo, por descuido, por preguiça, por qualquer coisa misteriosa que nos afecta, essas vistorias, essas análises, quasi que se não fazem, ou se se efectuem, elas são tão superficiais, tão de ânimo leve, que não valia a pena haver trabalho com elas: uns cumprimentos, umas risadas, umas conversações à volta do negócio e da politica — e fiquem-se os operários (o qual também têm a culpa desta situação vergonhosa de abandono, à mercê de quantas catastrophes possam surgir...

¿Morreu? Quatro pásadas de terra por de sobre o esquife, uma coluna de hipocrisia nos jornais, a dor, o luto, a fome no lar — e tudo volta à mesma: nem por isso a terra deixa a sua rotação eterna, nem por isso a sociedade rica abandona as suas orgias e as suas luxúrias galantes...

As circunscrições industriais, pois, constituem, por assim dizer, letra morta, uma blague. E como a 1.ª Circunscrição do Norte, como organismo do Estado, está integrada nesta regra do *laissez-faire* — salvo quando se trata de massacrar — não tem, como seria para desejar, desempenhado cabalmente a sua função.

Dai os constantes desastres, dai o desastre do Rio Tinto.

Os engenheiros a que nos referimos em outro numero, constatarão o mau estado do maquinismo, isto é: da caldeira, mas só depois dela reaberta.

O mecânico Almeida e Sousa advertiu a alguns operários, por diversas vezes, que as juntas da caldeira vertiam, salientando o perigo. Não foi atendido.

Quando reparou, em outro dia, que a vedação estava cada vez pior, aconselhou a uma das vítimas — Silvino, o que melhor o compreendia — a que chamasse o caldeireiro. E este, uma vez chegado, concordou que tudo aquilo era o «resultado das pressões».

Segundo a declaração do mecânico, ele não accentuava aqueles erros lá porque receasse a explosão, mas porque se condoia «pelos prejuizos da firma», pois a massa podia sair toda — no caso das juntas abrirem-se...

Almeida e Sousa disse mais que não é empregado da destilação: apenas fora ali a acompanhar seu pai, que fora convidado a revelar certo segredo da preparação do fabrico da cerveja para o álcool... Para cuja destilação também havia farinha de pau, alimento dos pobres, a não ser que fosse adulterada...

Vê-se, por consequência, que a catastrophe foi devida à falta do cumprimento de deveres, à inércia e, sobretudo, ao interesse, ao egoísmo, à rapacidade burguesa que tudo dificulta, atrapalha, imperfecciona...

A firma, porém, é que devia igualmente sacudir a água do seu capote, e, assim, faz a declaração perentória de que a «fábrica trabalhava com todos os requisitos necessários ao exercício da sua industria, possuindo as licenças legais correspondentes».

E vem nos então dizer o engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial que, terminado o inquérito os delinquentes, se os houver, serão remetidos ao poder judicial...

Só se for os mortos — ou nós, que talvez sejamos os únicos culpados...

A circunscrição, nunca, porque essa cumpre, integralmente a sua missão... a fazer inquéritos aos destróços dos sinistros...

Depois de morto...

C. V. S.

U. S. O. do Porto foi na última reunião de delegados tratado este assunto. Depois da assembleia se manifestar contra a pouca atenção em que é tida a vida dos operários, bem como a propensão da incompetência das entidades que têm por dever olhar por estes problemas, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o industrialismo, elevado do espirito egoísta, não tem cuidado absolutamente algum com a segurança dos operários, tendo a funcionar maquinismos, uns avariados, outros incompletos, caso que põe em perigo a vida dos trabalhadores;

Considerando que existe no Porto a Circunscrição do Norte, entidade a quem compete velar pelo estado de funcionamento de máquinas, condições em que estão montadas, inclusive dos prédios;

Considerando, finalmente, que em muitas fábricas e oficinas desta cidade estão funcionando irregularmente, dado o estado avariado das máquinas e ainda à maneira como estão montadas; o C. F. da U. S. O. do Porto resolve officiar à Circunscrição Industrial do Norte para que esta entidade procrie fazer, brevemente, uma vistoria a todas as fábricas e oficinas da sua área. — Saúl de Sousa, delegado metalúrgico.

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE

A BLUETTE

CHIC-CHIC

Último espectáculo de ROSE ANY, CARMEN VARGAS e MARCEL VALIES

AMANHÃ, 21

Estreia da cançonetista Amália de Isaura

NO TRIBUNAL DE ARRATÓLOS

Um julgamento

Realizou-se no dia 15, em Arraiolos, em audiência de processo correcional, o julgamento das camaradas João Comixo e Manuel Marques Coelho, ambos sapateiros, e o último secretário da Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeção.

O julgamento levou ao tribunal numerosa população trabalhadora de Arraiolos, Cabeção, Moura e outras localidades, que pejou por completo a sala das audiências, no justo interesse de ver debater a causa e no louvável intuito de prestar com a sua correcta assistência — pois não se registou nenhuma nota desagradável — uma solidariedade moral iniludível aos dois réus que respondiam injustamente, acusados do crime de sedição, por eles promovida contra a guarda republicana do sub-posto de Cabeção.

A prova testemunhal da acusação — que era feita exclusivamente por soldados da guarda, que naquela localidade haviam exercido várias violências e que as exerceram também contra o arguido Marques Coelho, mais visado, por ser um elemento organizador e combativo da classe operária — cairam em várias contradicções, demonstrando claramente a parcialidade com que depunham, a falsidade das suas primitivas afirmações e o seu espirito de casta.

As testemunhas de defesa mais vieram aclarar e evidenciar a falsidade da acusação, depondo com uma simplicidade e limpidez verdadeiramente impressionantes e mantendo sempre, através de apertados interrogatórios, as mesmas versões dos factos.

Todavia, o juiz da comarca, dr. Carneiro de Almeida, que fôra dum grande complacência com as testemunhas de acusação, entrou, a certa altura, com desagrado geral, a fazer uns comentários menos próprios a respeito dos depoimentos das testemunhas de defesa, ameaçando-as com a cadeia, fazendo troça das suas firmes palavras, dizendo que estavam mentindo e acusando-as de se terem preparado para intrigar ou pretender intrigar o tribunal.

Este facto — que não depõe muito a favor da imparcialidade daquele magistrado — deu origem a um curioso diálogo entre o defensor e advogado do Secretariado Nacional de Assistência Juridica da C. G. T., dr. Sobral de Campos, e o juiz presidente do tribunal.

O dr. Sobral de Campos, visivelmente incomodado com aquela attitude, disse com certa energia:

— Prescindindo das restantes testemunhas, V. Ex.ª pode prescindir — responde o dr. Carneiro de Almeida — mas não precisa fazê-lo assim porque eu não tenho medo.

Nem eu. O que se vê é que V. Ex.ª serve em pouca água...

LA seguir ao que foi dada a palavra ao delegado do Ministério Público, dr. Pinto de Almeida, que depois de prestar as suas homenagens ao advogado de defesa pela forma elevada e correcta com que procedera durante a audiência, fez a acusação dos arguidos pedindo para eles a pena do art. 149.º do Código Penal. Falou, depois, o dr. Sobral de Campos, dando de livra a cadeia e com mais de mestre a resposta ao juiz, dr. Carneiro de Almeida, e produzindo seguidamente uma defesa dos acusados que deixou no auditório as melhores impressões pela clareza dedutiva e pela forma convincente e desassombrada.

Todavia, o juiz, que já havia avançado muito para poder recuar em demasia, condenou os réus, não em cadeia mas numa pesada multa, sentença essa que não foi bem acolhida por quantos assistiram.

Devemos registar, como ultima nota interessante, que este magistrado, antes de proferir a sentença, dirigiu-se ao nosso amigo dr. Sobral de Campos dizendo não ter tido a menor intenção de a molestar ou de o desconcertar, tendo sido aquela frase apenas filha do seu temperamento de sanguineo.

Mais vale tarde do que nunca... se bem que melhor é evitar do que remediar...

BARREIRO

Rectificando

BARREIRO, 19. — A'cerca da busca a que ontem nos referimos, dada no Núcleo da Juventude Sindicalista desta vila pela policia de Segurança do Estado, e dos documentos apreendidos, acabamos de ser informados pela comissão administrativa daquele núcleo que nenhum documento chegou a ser apreendido, sendo portanto erronea a informação dada por uma pessoa em que confiamos, em virtude de declarar ter assistido a essa diligencia.

Lembramos a necessidade de se evitarem informações erradas, porque somos contrários a noticias infundadas. — C.

Teatro Novo

Brevemente subirá à scena deste teatro a peça da Pirandello «Uma verdade para cada um», cujos principais papeis serão interpretados por Gil Ferreira, Carlos de Abreu, Aurélio Ribeiro, Carlos de Oliveira, Miranda, Luz Veloso, Amélia Trajano e Antónia Mendes.

AGREMIações VARIAS

Centro Comunista Libertário do Porto. — Por iniciativa da comissão administrativa desta instituição de educação e ensino, effectua-se hoje pelas 15 horas, na sua sede, à rua de Entreparedes, 33-1.ª, uma importante sessão de propaganda, onde serão tratados assuntos da mais oportuna importância, altamente interessantes, seguindo-se uma audição de boas peças em gramofone. Convidam-se todos os trabalhadores.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Companhia de circo do Sport Club do Porto

Estreia-se amanhã, no Coliseu dos Recreios, esta magnifica companhia, que conta 101 figuras, incluindo os números clássicos de circo, excêntricos musicais, palhaços, cavaleiros e gir-nastas.

Sob o comando do professor Tchopov trabalha a mais perfeita classe, em séries difficilissimas de exercícios de belo e harmónico conjunto.

Os directores encontram-se já em Lisboa devendo os artistas chegar hoje, às 14 horas, no rápido do Porto, que devem hoje à noite ser recebidos em O Século e amanhã à tarde no Gimnásio Club Português.

DESPORTOS

Festa desportiva

Promovida pelas Associações Académicas das Escolas Comerciais de Ferreira Borges e Veiga Beirão realiza-se amanhã, pelas 17 horas no campo do Império Lisboa Club, em Palhavã, uma festa desportiva entre alunos de ambas as escolas.

Constará de corridas de velocidade e meio fundo estafetas e um desafio de futebol para a disputa da «Taça 9 de Junho» que se encontra em exposição na casa Ramiro Leão assim como as medalhas para as provas.

Teatro São Luiz

E' amanhã que neste teatro se estreia a cançonetista cômica de Amália Isaura, que vem precedida de grande ranome. E' inútil dizer que se repete a deliciosa «bluette» CHIC-CHIC.

'A Batalha' na provincia e arredoras

Olhão

Em que lei vivemos?

OLHÃO, 18. — Encontra-se uma parte do jardim público, vedada, o que não podemos concordar. No entanto, o que nos causa indignação é que seja prohibida a entrada naquella recinto a qualquer criatura. Um grupo de camaradas, desejando apreciar de perto o recinto do jardim publico que se encontra vedado, solicitou licença do respectivo jardineiro, tendo este individuo negado a entrada, dizendo que o patrão José Amandio Correia, não tinha dado ordem.

E nós a julgarmos que o jardim seria para recreio publico!

Provavelmente arrendou o sr. José Amandio para se recrear, o que nós ignoramos.

Desculpem-nos sr. Amandio, por querermos violar uma «sua» propriedade. — C.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00









## É PRECISO MANTER O HORÁRIO DE TRABALHO!

Em vários pontos do país as autoridades desrespeitam a lei e protegem os infractores das oito horas de trabalho. Os governantes que deviam ser os primeiros a chamar à ordem os representantes do Estado, entretidos com os «films» rocambolescos de «legiões», não se opõem a que as leis do país sejam esfarrapadas.

O operariado, defendendo os seus mais legítimos direitos, não deve transigir. Lutar pelo triunfo do horário normal de trabalho é um dever social que urge cumprir.

### CARTA DO PORTO

## O sarilho das carnes

### Uma sessão memorável

Rompou-se a boa harmonia entre os vereadores, havendo um desaguiço entre os membros. Até aqui tudo decorreu à mil maravilhas, não havendo quem, declaradamente exigisse contas, morais e administrativas, à comissão de Abastecimentos de Carnes, da qual tantas vezes temos falado. E que a sua frente está o sr. Ramiro Guimarães, o tal rei Ramiro presidente da Comissão Executiva desta histórica edilidade portuense.

Devido, talvez, ao grande calor que tem feito, deu-se agora uma terrível combustão de génius assanhados, dando-se a mutação das cenas... carnívoras.

Há quem suponha, contudo, tratar-se de uma brincadeira sanjoanina. Mas daí pode ser que não seja.

Quem rompeu fogo certo na reunião do Senado Municipal de ontem, foi o sr. Júlio Gomes dos Santos, o qual sempre se resolveu, duma forma definitiva, discordar em absoluto da orientação seguida pela dita Comissão fornecedora.

Como tem havido uma certa campanha contra o monopólio das carnes, exigindo-se a carne mais barata—e, por uma questão de concorrência jornalística, citou o Primeiro de Janeiro, não se lembrando que a Batalha desde há muito se tem ocupado dela—são otem lhe deu para estranhar que a questão eterna das carnes ainda não fosse decisivamente solucionada...

Também só agora, depois de nós termos feito em tempos tais reparos, se admira que façam parte da comissão fornecedora o director do Matadouro e os veterinários: para boa moral democrática, são, a um tempo, fiscalizados e fiscalizados...

O presidente da Comissão Abastecedora, sorridente, irónico, vencedor, explicou, então, que as vantagens da consagrada Comissão, está em não ir às feiras comprar o gado no Matadouro (quando não se faz o negócio no café Moreira) e a Câmara encarregar-se da exploração do abateimento das reses. E está tudo pronto...

Mas o dr. Gomes dos Santos, que fica descontente, afirma-lhe com esta «sopa requeijada»: não sabe o que a Comissão Abastecedora fez da verba de 200 contos que recebera...

E dizemos «sopa requeijada», porque aqui atrazado publicamos uma lista de quanto ela cobrou de percentagem da carne em determinados meses, e perguntamos o motivo porque não se fazia um relatório elucidativo do recebido, do gasto e do perdido... E nessa altura a Câmara inteira ficou-se caladinha como um «arroz»...

A dúvida do dr. sr. Gomes dos Santos deu um enorme charivari que desolou um fígado aos assistentes...

Apasiguados os ânimos entre aquele senador e o sr. Ramiro; limpado o suor que corria pelas faces ruborizadas pela exaltação; interrompida a sessão por algum tempo para, no gabinete contíguo, ser condignamente recebida a direcção da Associação dos Jornalistas de Homem e Letras, a qual foi entregar a Câmara o diploma de sócia benemérita com que a mesma fora agraciada—mercê do bonito serviço que tem feito—voltou-se ao chinfrin, dando o sr. Ramiro explicações sobre a sua entrada na Comissão de Abastecimentos: fizera-o com a condição dos dois delegados dos marchantes... das Companhias Utilidade Doméstica e Nacional dos Talhos desistirem de votar—embora, é claro, passem na balança do convencimento amistoso. Deu portões sobre o funcionamento dos talhos e disse que a sua limitação é duma altíssima vantagem para os pobres consumidores. O sr. Gomes dos Santos arrelhou-o com a estocada de que não percebeu a explicação, pelo que o sr. Costa Reis garantiu que, realmente, ele nada compreende: é falta de compreensão...

Então, o sr. Ramiro, insistindo nos seus úteis esclarecimentos interessantes, esforçou-se por explicar igualmente o lucro dos desgraçados marchantes, trocando-se fôgo lento... de ápartes entre o orador e o sr. Júlio Gomes dos Santos, que o não largou...

A questão azeudou-se, porque o vereador sr. Guerreiro e Sá requereu que o assunto ficasse por ali, discutido; ficando aprovado por maioria, travou-se nova zangarota, o presidente abandonou a mesa e o vice-presidente recusou-se a timonar a reunião, abandonando também a sala.

O sr. Carvalho da Silva, na qualidade de senador mais velho, é que salvou a situação, dirigindo-se para o leme e pondo o barco senatorial a funcionar.

Deu-se então isto: o dr. sr. Sousa Júnior, que abandonara a presidência, declarou ser um abafeteiro o requerimento do sr. Guerreiro de Sá; o sr. João de Brito apresentou uma proposta para que se continuasse a permitir a entrada livre até 3 quilos de carne fresca; o dr. sr. Mendes Vaz convidou, por intermédio duma moção, a Comissão Abastecedora a entrar nos cofres do Município com as percentagens indevidamente cobradas...

Houve espanto de toda a gente, menos do sr. Ramiro Guimarães, presidente da dita Comissão: desferiu o sorriso de Marat...

Como resultado de toda esta trapaalhada, voltou-se à defesa da municipalização ou do comércio livre...

O sr. Ramiro Guimarães, um pouco agora mais sério, afirmou ser aquilo a mesma coisa que se bater num morto; o presidente do Senado em «deserção» apresentou uma moção de ordem pela qual se reconhece a necessidade de se modificar o regime do fornecimento das carnes à cidade. De novo

## O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

### Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

#### Terceira sessão, em 21 de março

O conde de Bugallal, que pedia a intensificação da repressão, algumas horas depois da morte de Dato, advogava no Senado o restabelecimento da normalidade. Foi então que os militares se puseram de acordo. Em Barcelona a greve dos transportes demonstrou que o movimento revolucionário não morrera e foi isso que produziu o golpe de Estado. A reacção militar intensificou-se, surdamente, por meio da prisão e da censura rigorosa.

A palavra revolução, ainda no sentido mais inofensivo, é sistematicamente reprimida. Que fazer? Podemos levar para a frente um movimento revolucionário? Não, uma revolução necessita de circunstâncias especiais e além disso falta-nos o meio adequado. Os regionalistas catalães viram fundadas as suas esperanças; o directorio não pôde cumprir os seus compromissos; os regionalistas viram-se hostilizados pelo próprio directorio que os perseguia, e que lhes proibiu o uso do idioma catalão e obrigou os seus chefes a emigrar para o estrangeiro.

O orador está bem ao corrente desse descontentamento dos regionalistas. No entanto estes convidam a Confederação a uma campanha em comum.

Carbó afirma que o inimigo que transitoriamente é amigo continua sendo inimigo. Mas os regionalistas determinaram derubar a monarquia a todo o custo. A Confederação pactua com eles sobre estas bases: Vocês dão-nos armas, e nós damos-lhes homens.

Os regionalistas queriam um centro na periferia; exigiram diplomáticamente aos trabalhadores que se submetessem a uma disciplina militar imposta pelos chefes regionalistas. Maciá, chefe do exército, hoje regionalista, pretendia obter a direcção da campanha. Ter-se-ia chegado por exemplo à penitenciária de Figueras; Maciá exigia que esta fosse respeitada, mas os revolucionários teriam aberto as portas da prisão.

O orador propunha aos camaradas que se fizessem aceitar essa disciplina até que tivessem as armas na mão, fazendo crer a Maciá que lhe obedeceria cegamente. Os grupos anarquistas reunidos em França deram publicidade a uma declaração contra os regionalistas e os dirigentes da Confederação. Os regionalistas parece que tiveram conhecimento de essa attitude e desde então negaram qualquer apoio com armas.

O caso de Espanha é o mesmo de Portugal, mas neste último puseram-se alerta. A C. O. T. de Portugal, para impedir o golpe de Estado da oposição reaccionária, teve que apoiar indirectamente o governo. A C. N. T. de maneira nenhuma abandonou. Cita um caso pratico para demonstrar que há ocasiões em que é permitido não ser consequente: um camarada foi condenado a morte; sabe-se que se ninguém interceder junto do rei, não se lhe poderá salvar a vida. Dever-se-ia sacrificar a existência dessa nossa camarada aos nossos princípios?

A C. N. T. permanece, a pesar de tudo, fiel aos seus postulados, não obstante as concomitancias passageiras com os politicos e afirma que a nossa revolução deve tornar-se independente dentro dos partidos politicos.

Mas o caso é que os instrumentos de luta são as armas, as espingardas, as metralhadoras, os canhões e nada disso temos; se há alguém que no-las proporcione, seja com que fim for, devemos aceitá-las.

se estabeleceu diálogo acêso, houve quem defendesse uma e outra coisa e, por fim, quando se ia proceder a trabalhos praticos de votação, reparou-se que se estava de «água aberta», isto é: que não havia número suficiente, a pesar da sessão abrir com 30 vereadores...

Pelo que o espectáculo terminou com grande contentamento dos espectadores... Mas vamos ver no que vai ficar agora os tais 200 contos—se foram só 200...

C. V. S.

**SOLIDARIEDADE**  
Pré-José Pires de Matos  
Devido ao melindroso estado da sua saúde, e por conselho médico, tem este prestimoso militante que saiu de Lisboa no mais curto prazo.

Vem portanto a comissão de auxilio mais uma vez pedir a todos os grupos e sindicatos a quem foram enviadas listas, que as devolvam acompanhadas dos auxilios a elas referentes, o mais depressa possível, a fim de poderem cumprir-se as prescrições medicas.

Toda a correspondência deve ser dirigida a Manuel Peres, Travessa da Agua de Flor, 10, 1.ª, Lisboa.

**DE OS MISTÉRIOS DO POVO**  
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.  
Obra mais barata que no género se publica

## HORARIO DE TRABALHO

### Em Olhão

OLHÃO, 18.—O regulamento à lei do horário de trabalho é aqui parcamente cumprido, não tendo as autoridades locais intervido no assunto.

Este lamentável desleixo originou o dessemprégio duma dezena de operários que se negaram a desrespeitar aquela lei, consoante imposição do ex-soldado e hoje industrial José Martins Baptista.

A participação desta infracção foi já entregue na administração do concelho, esperando-se com ariedade o resultado desta transgressão—C.

**Na Fábrica de Louça de Sacavem não se respeita o horário**

SACAVEM, 18.—O que se está passando na Fábrica de Louça, no respeitante ao horário de trabalho, toca as raíças do escândalo.

O pessoal dos cilindros e fornos, e bem assim o pessoal das máquinas, foi chamado ao mestre José de Sousa, perguntando-lhe este, se desejavam trabalhar por turnos, ou se desejavam continuar a trabalhar como até à recente remodelação da lei das oito horas.

Estes operários inconscientes, declararam-lhe que desejavam trabalhar dentro do regime antigo, despresando assim as regalias que com a remodelação das oito horas lhe eram facultadas, desrespeitando assim a lei.

A lei diz que cada operário só deve trabalhar durante a semana, 48 horas, além de mais 18 horas, que seja obrigado a trabalhar, mas só quando se trata de casos de força maior, e devidamente justificados, mas nunca deixando de receber a dobrar essas 18 horas.

Os operários que trabalham nas máquinas, cilindros e fornos, fazem, presentemente, 12 horas diárias, isto é, mais 4 horas do que manda a lei e ganham 13, porque a hora que fazem a mais além das 12 é-lhe paga a título de gratificação.

Na serralaria, o pessoal que ali trabalha também foi convidado e mais do que uma vez, para fazer serão, a singelo, ao que sempre se têm recusado, não acontecendo o mesmo ao serralheiro Vitorino Torral, que se prontificou a trabalhar horas extraordinárias, mas que lhe não são pagas a dobrar como manda a lei—E.

**O operariado da Vila Real de Santo António e o horário**

Comunicam-nos de Vila Real de Santo António, que o horário de trabalho não é ali respeitado, especialmente nas classes da construção civil. Apela o nosso reclamante para a consciência daqueles operários que não devem prosseguir na infracção. Aí fica o apelo.

### Condutores de Carroças

Realizou-se anteontem com grande concorrencia uma reunião magna de Condutores de Carroças, no Centro Socialista de Alcantara.

Presidiu Claudio Mateus, secretariado Francisco Luis e Joaquim Luis da Costa.

O presidente abriu a sessão expondo à assistência a maneira indecorosa como os proprietários de carroças estão procedendo para com os operários deste ramo de transportes, perseguindo-os e vexando-os.

Jaime Tiago que falou a seguir, fez várias considerações sobre o horário de trabalho e a maneira de conseguir o seu cumprimento.

Os operários dos transportes terrestres necessitam duma grande organização para poderem deter as arremetidas dos seus exploradores. Ataca indignadamente os proprietários de carroças que estão movendo aciniosamente perseguições ao seu pessoal, salientando, entre estes João Francisco.

Jaime Gomes faz várias considerações na mesma ordem de ideias dos oradores antecedentes, aconselhando a classe a não traír o horário de trabalho.

José Maria critica também largamente a conduta dos proprietários de carroças, apelando depois para a solidariedade da classe. Depois de Joaquim Gomes ter falado na mesma ordem de ideias, foi aprovada uma moção contra o não cumprimento do horário de trabalho.

Américo da Silva, José Maria e Jaime Gomes aconselham a classe a começar a cumprir o horário de trabalho a partir de segunda-feira.

Jaime Tiago e José Maria combatem, em vibrantes discursos as deportações e as perseguições contra a classe operária, sendo aprovada nesse sentido, uma moção, com as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra as deportações sem julgamento nem culpa formada, os maus tratos infligidos a presos e a morte de dois operários pela policia.

2.º Protestar contra o odio que os politicos nutrem pela classe operária e pelo seu órgão na imprensa.

3.º Preparar os operários deste ramo de transportes a estar prontos a secundar qualquer movimento de protesto que venha a ser levado à pratica.

4.º Que se faça, no próximo acto eleitoral, uma campanha contra os politicos e contra o voto.

Amanhã, pelas 14 horas, reúne a classe dos Condutores de Carroças em sessão magna na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para tratar do cumprimento do horário de trabalho. Realiza-se também amanhã, pelas 19 horas, uma sessão magna dos condutores de carroças na área do Poço do Bispo, na rua de Marvila, 57, 1.ª, para o que foi distribuido um manifesto à classe.

**Ler o Suplemento de A BATALHA**

## As perseguições

### A obra do odio...

A mãe de Pedro Guia de Oliveira, que é um dos deportados, andou por vários jornais com um certificado de registo criminal e outro do governo civil demonstrando que seu filho nunca foi preso por bomista, a pedido do já famoso chefe Xavier. As duas prisões a que se refere isso a que os jornais chamam o seu cadastro, não têm nenhum dos delitos inventados para lhe roubar a liberdade e deportarem-no iniquamente. Tão pouco essas prisões representam qualquer coisa de infamante para a sua reputação.

Vimos aqui, nesta redacção, essa mãe lavada em lágrimas, chorando a dor crueante de lhe terem arrebatado o filho, enviando-o para as plagas africanas.

Esses miseráveis que ordenam as deportações não se emocionam porque para esse belo movimento de piedade humana falta-lhes totalmente um órgão essencial—o coração.

### Mais prisões

Foram detidos pela policia, os operários pedreiros José da Costa e Alberto Pereira, ignorando-se, é claro, as «razões» da sua detenção.

### \*\*\*

Para a busca feita em casa de José Gomes Pereira, arrombaram os agentes da autoridade a porta, às 4 horas da madrugada.

Que crédito se pode dar, que considerações podem merecer as declarações feitas depois por criaturas que assim procedem?

**A U. S. O. de Olhão proclama, em principio, a greve geral**

OLHÃO, 18.—Foi declarada hoje a greve geral, em principio, pela U. S. O., desta localidade, de protesto contra as deportações, tendo todas as classes aderentes a este organismo dado a sua adesão, devendo tornar-se efectiva assim que as circunstâncias o determinem.

A paralisação do trabalho corresponderá toda a organização operária do Algarve, declarando a greve geral no mesmo dia—C.

**“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.**

## AS GREVES

### Trabalhadores de armazéns de vinhos

Mais um dia é decorrido sem que tenha solução a greve dos trabalhadores de armazéns de vinhos, que, como temos dito, teve o seu início na segunda-feira transacta por virtude dos exportadores de vinhos se oporem ao cumprimento do horário de trabalho.

Novamente, voltou ontem a classe a reunir, pelas 19 horas, na sua maior força, a fim de tomar conhecimento das «demarches» efectuadas para a solução do movimento, constatando-se que o mesmo está alastrando, pois temos a registar hoje mais a paralisação do pessoal da casa Macieira & C.ª onde pontifica o despota Gomes, que entendeu também colocar-se em contraoposição com a lei a exemplo dos outros exportadores a que nos temos referido.

Este sr. Gomes, que é hoje novo rico, para o que nunca teve escriptulos no processo de fazer fortuna, bem depressa se esqueceu do tempo que era um escravizado trabalhador, recorrendo por vezes à solidariedade material dos seus colegas para saciar as necessidades, e não lhe repugna o vexar e oprimir hoje os seus antigos camaradas, negando-lhes o mínimo direito.

Constata-se a parcialidade da autoridade que não procede como deve, tendo até já puxado do sabre para os camaradas que procedem à fiscalização, como ontem sucedeu à porta dos armazéns da casa Vasconcelos, na fúria de os agredir, se eles não dão imediatamente às de «Vila Diogo».

Por sua vez os exportadores afirmam alto e bom som que podem ser autuados quantas vezes quizerem, mas que nada tencionam pagar.

Uma comissão procurou ontem o ministro do Trabalho, com quem ficou de hoje, pelas 14 horas, conferenciar e resolver sobre o assunto.

A conduta da autoridade e do patronato estão provocando a repulsa geral por ser arbitrária e estúpida.

Após esta importante reunião foi deliberado permanecer na luta até que a vitória seja um facto.

A classe volta hoje a reunir pelas 19 horas.

**Universidade Popular Portuguesa**  
Inauguração do cinema portátil no Sindicato dos Chauffeurs

Não tendo podido efectuar-se na semana passada, por motivo de força maior, a inauguração do cinema portátil recentemente adquirido pela Universidade Popular Portuguesa, faz-se hoje, pelas 21 horas, essa inauguração no Sindicato dos Chauffeurs, ao Largo de São Domingos, com uma sessão cinematográfica dedicada aos sócios do mesmo sindicato e suas famílias, tendo também entrada os componentes do conselho administrativo da U. P. P. e os delegados das secções.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

**S. U. Metalúrgico.**—Na reunião da comissão administrativa foi resolvido chamar a atenção da Federação para a pretendida partida para o estrangeiro, dos barcos portugueses, que necessitam de reparações, isto a despeito da crise que atravessa a indústria.

Também foi resolvido fazer reunir extraordinariamente no próximo dia 30 a assembleia geral e constatar a oferta de obras suas do escritor Julião Quintinha, mais diversos livros por 3 camaráas, com o que esta comissão se congratula.

Registou também a entrada de mais 26 novos socios.

**Limpesas e pinturas de navios.**—Reuniu a assembleia geral nomeando os corpos gerentes e os delegados à Câmara Sindical do Trabalho.

### CONVOCAÇÕES

**REUNEM HOJE:**  
**Marinheiros e moços da marinha mercante.**—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para apreciar a questão do prédio e a situação dalguns socios eliminados.

**Fragateiros.**—Pelas 19 horas, la direcção.

**Secção do Poço do Bispo.**—Pelas 20 horas, a comissão administrativa para tratar assunto de alta importância.

**Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Beato e Oliveira.**—Pelas 20 horas, não devendo faltar nenhum delegado pela importância dos assuntos a tratar.

**DIAS PRÓXIMOS:**  
**Federação Corticeira Nacional.**—Reúne amanhã, pelas 13 horas, o conselho federal para se ocupar de assuntos de alta importância.

**Maquinistas Fluviais.**—Para continuação dos trabalhos, reúne na próxima segunda-feira a assembleia geral, pelas 19 horas.

**Compositores tipográficos.**—Reúne amanhã a assembleia geral, às 14 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º. Apreciar a maneira como foram rebolados os conflitos nos jornais «O Rebelo» e «Diário da Tarde»; 2.º. Apreciar a forma como se portou a nossa classe na última greve geral; 3.º. Eleição de um delegado à Federação do Livro e do Jornal.

**Limpadores de trens e automoveis.**—Reúne a assembleia geral amanhã pelas 15 horas.

**SINDICATOS DA PROVINCIA**  
**União dos Sindicatos Operários de Olhão.**—Reúne em 5 do corrente o conselho geral deste organismo tendo-se ocupado da questão do pão. Aprovou estabelecer-se um só tipo único com igual percentagem de farinha de primeira e segunda ao preço de 2820. Resolveu-se que se desse execução às deliberações da Conferência Inter-Sindical do Algarve, quanto às escolas, ficando este assunto a cargo da Comissão Administrativa. Protestou-se contra as continuas apressões do nosso jornal A Batalha.

**Construção Civil de Tires.**—Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, para apreciar o regulamento do horário de trabalho e resolver sobre uma circular da Federação da indústria referente à saída do Construtor.

**JUVENTUDES SINDICALISTAS**  
**Núcleo do Porto.**—Na última reunião do grupo editor do órgão deste Núcleo, a sair brevemente, resolveu pôr em circulação, por estes dias, umas listas de subscrição em benefício do mesmo órgão.

Resolveu, também, aceitar o oferecimento de grande número de exemplares de uma excelente obra de estudo social, que um dedicado amigo das Juventudes Sindicalistas ofertou, para serem vendidas em benefício do fundo financeiro do referido jornal.

De harmonia com as resoluções da última assembleia geral, torna-se público que o título do órgão juvenil será **O Grito da Juventude**. O grupo editor está trabalhando afanosamente no sentido de publicar o primeiro número no próximo mês de julho.

**Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade**

Este secretariado reúne hoje, às 14 horas, a fim de se pronunciar sobre um assunto urgente, conjuntamente com os respectivos advogados.

**Consulta no Pôrto**  
Amanhã, às 14,30 horas, o dr. Campos Lima, na U. S. O. do Pôrto, realiza as suas costumadas consultas jurídicas a todos os operários confederados.

**Secção Telegráfica**  
**Federações**  
**CONSTRUÇÃO CIVIL**  
**Sindicato de Oeiras.**—Já temos em nosso poder a vossa encomenda de papel de officio.

**LA NOVELA IDEAL**  
Acaba de chegar o n.º 9 desta revista intitulada «El Cacique», de F. Barthe. —Preço: \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

**A cura das doenças pelas Plantas**  
3.ª edição—Preço 2500, pelo correio 2850. Pedidos a administração de A BATALHA